

Um Romance Cearense *

Artur Eduardo Benevides

Costa Matos, que conduz na alma a lâmpada imperecível da Poesia, já havendo conquistado oito prêmios literários fora do Ceará, o que torna mais expressivo o seu triunfo, demonstra agora, com o romance *Rio Subterrâneo*, vencedor do Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, a versatilidade de sua inteligência criadora, que se espraia, luminosa, pelos caminhos da criação ficcional e lírica, com a mesma desenvoltura e o mesmo brilho que caracterizam sua presença nas Letras cearenses contemporâneas.

Li seu novo livro com interesse incomum, encontrando nele, pelas singularidades da vida sertaneja, muita coisa de minha infância, ao sopé de Aratanha, na cidade de Pacatuba, onde meu pai foi Major da Guarda Nacional, um dos resquícios da aristocracia rural, criada pelo Padre Diogo Antônio Feijó, nas entressombras e nos furtivos clarões da Regência do Império. Meu pai, que adquiriu a patente, a farda branca de botões dourados, a espada de prata e as belas dragonas que lhe enfeitavam os ombros, era, igualmente, Chefe do Partido Conservador, com um poder que lembrava o dos senhores de barão e cutelo, dos tempos feudais. Esse prestígio, aliás, que lhe viera como herança política de seu tio Fausto, poderoso chefe político da região, era suavizado, sem que ele dissesse se apercebesse, pela bondade e sutileza de minha mãe, protetora dos pobres e desvalidos, principalmente nos duros tempos de secas.

Pois o livro *Rio Subterrâneo*, de Costa Matos, explora, em sua urdidura romanesca, a presença do coronelismo, com o vigoroso *tônus* da terra, da tradição e dos costumes que influenciaram a vida de todos aqueles que, muito mais do que viver no

* Discurso proferido no lançamento do romance *Rio Subterrâneo*, de Jose Costa Matos. Ideal Clube, 10 de agosto de 2000.

sertão, viveram o sertão, sentindo de perto aquele mundo a um só tempo agressivo e belo, com suas tocaias, seus beatos e can-gaceiros, seus ciganos e violeiros, seus vaqueiros e tangerinos, as histórias de lobisomens e almas penadas, as vinditas e guerras municipais, os pagadores de promessas, as noites de serenatas, as feiras (cheias daquele bruaá onomatopaico a que se referiu Jorge de Lima), as procissões, os casamentos realizados ao papocar de foguetões, com as tricas e futricas aldeãs, as quermesses divididas entre os Partidos Azul e Encarnado, as galhofas de rua e o espírito irreverente e másculo do povo, tudo isso entremeado de diálogos fortes e por vezes ousados, com a valorização do telúrico e do social.

Encontrei, ou reencontrei, todo esse mundo no livro de Costa Matos, autor inteligente, arguto e original, sem demasias, artifícios e arrebiques estilísticos, procurando exitosamente captar o essencial, na alma dos personagens e na geografia dos latifúndios oriundos do processo histórico de ocupação do solo e distribuição de sesmarias nos tempos coloniais

Olhando de frente o universo sertanejo, ele faz um regionalismo puro e marcado, fundamentalmente, pela legitimidade da linguagem e da filosofia comportamental de quantos viveram naqueles ermos cheios de cardos e mandacarus, em que a aspereza do solo, em muitos casos, se transporta às almas.

E dizem, por aí, que o regionalismo está morto, numa visualização defeituosa ou equivocada da fenomenologia literária. Rachel de Queiroz, não faz muito, no *Memorial de Maria Moura*, mostrou que ele está rejuvenescido e tão forte como nos tempos de Valdomiro Silveira, Simões Lopes Neto e Afonso Arinos, no Sul do País, ou Franklin Távora, Oliveira Paiva, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, no Nordeste, lembrando mais dois livros básicos de Jorge Amado: *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*. Não há e nunca houve temas mortos. O que existe, em verdade, são escritores sem talento, ou sem capacidade de transfigurar o real e engrandecê-lo.

No caso de Costa Matos essa verdade é gritante, pois, em narrativa colorida e plástica, ele nos dá uma lição riquíssima sobre os aspectos caracterológicos e o *way of life* dos rurícolas, seus

mitos, suas lendas, suas cantigas com sabor de mel silvestre, suas crenças singelas e as velhas intrigas e usanças, enternecendo-nos com as santas velhinhas paroquiais, que cantavam baixinho, à noite, julgando embalar o sono de Deus, o que nos lembra aquelas de Guimarães Rosa, que se trancavam, à tarde, nas camarinhas, com o rosário na mão, arrulhando para o Divino Espírito Santo. E esquecidos não sejam os pobres amores interioranos - Oh, que digo eu? - não há, em todo o mundo, amores pobres. Todo o amor é rico, deixando sulcos profundos na alma. E por ele pagamos, às vezes, o salário cruel da solidão...

Agradou-me em cheio, por isso mesmo, o livro de Costa Matos, com a força de sua imagética, de seu tema abrangente e de seus aspectos lingüísticos, ampliando consideravelmente a estrutura da narrativa, em que ele usa a técnica de dois personagens, paralela ou simultaneamente falando: um, centrado na figura de Paulo Montezuma; outro, na do cantador Antônio Pereira Paixão, sendo oportuno e justo lembrar, por igual, o poeta Carlos Prado, Zé Tomaz, Maria Cristina, Zé Fumaça, Pantaleão Macedo, Marcelino Calça Preta, Clemente Silveira, Padre Vitorino, João Domingos, Antônio Tê-Logo e Totonho Piauí, entre outros. Aqui e ali, algumas citações literárias e filosóficas traíndo a formação humanística do autor ...

A linguagem, de quando em raro, revela a presença indissociável do poeta, como observou Francisco Carvalho. Exemplo: "Havia sinal de inverno próximo. No escuro, a gente podia ver o relâmpago riscando fósforo por cima da Serra da Ibiapaba. Um luão avermelhado trepou na cumeeira da Serra do Bode. Os galos corneteiros amiudaram o canto, pensando que a madrugada rompia". E conclui o parágrafo dizendo: "o crepúsculo evangélico era uma sugestão de perdões e de bênçãos".

E assim é todo o livro, uma espécie de saga das populações da hinterlândia, nos descompassos da natureza hostil e no modo de ser dos personagens, tendo a região de Ipueiras como espaço e os meados do século passado como tempo. O discurso romanesco é típico, com aquilo que os críticos ingleses chamam de *local color*. Exemplos: "largado no mundo como jumento sem mãe"; "cada um é dono de suas ventas e do que fica ao

poente delas” ; “quem é que vai entender coração de homem? Nem mulher, que é bicho fino de faro. Quando o corte do baralho é desfavorável, ela não entende mais nada. As falas do coração vão estrondar na cabeça, como aquele gemido da terra que faz trovão no alto do serrote” ; ou esta última citação: “muita velhinha apagava as brasas do cachorrinho com lágrimas”.

Todas essas cousas dão um sabor ou um *tônus* especial ao texto. O romance, aliás, gênero difícil e exigente, por sua natureza e meandros conteudísticos, nasceu, como todos sabem, dos poemas de Homero, que aproveitaria, na *Iliada* e na *Odisséia*, as histórias do povo e as narrativas heróicas, muitas nascidas dos mitos da Grécia. Por isso, costuma-se dizer que do Ulisses de Homero ao Ulisses de Joyce está todo o romance do mundo, com uma gama temática imensa dentro do universo ficcional. Do século XVIII, quando o gênero se autonomiza completamente, até os nossos dias, como o Realismo Mágico e Gabriel Garcia Marquez e Ernesto Sábato, desfilam nomes gloriosos como o de Balzac, Flaubert, Zola, Goethe, Thomas Hardy, Dostoievsky, Tolstoi, Marcel Proust, Joyce, Thomas Mann, Somerset Maugham, Hemingway, Kafka e William Faulkner, sem deixar de lembrar, na língua portuguesa, Eça de Queirós, Alencar e Machado de Assis. E toda essa galeria imortal a envolver o romance de costumes, o histórico, o gótico, o picaresco, o de aventuras, o social, o filosófico, o psicológico, o policial, o fantástico e tantos mais. E já ia esquecendo de mencionar Charles Morgan, autor de *Sparkenbroke*, um de meus livros prediletos, que alguns críticos empedernidos teimam em não reconhecer como grande. E é, no meu entender, um dos maiores do nosso tempo.

Mas, voltemos a Costa Matos, dileto companheiro da Academia e Professor da Universidade de Fortaleza. Quando um repórter lhe perguntou que rio subterrâneo era esse que passava por seu romance, ele respondeu poeticamente: “Esse rio corre por baixo de um chão de promessas e esquecimentos, chão percutido por pés já agora perigosamente numerosos. Um rio subterrâneo, rio de dores, mas de esperanças fortes”.

Reconhecendo sua autenticidade como narrador e seu talento como restaurador do tempo e da vida, recomendo o seu livro a quem quiser conhecer de perto, bem de perto, a alma ardente, louca e linda do nosso Ceará, em cujas tardes, nas despedidas do Sol, cantam com a tristeza as arapongas e os acauãs, antes que chegue, à boquinha da noite, a brandura do vento aracati, acariciando o rosto dos que sonham, sofrem, amam e esperam, guardando o silêncio das cousas que não vieram ou nunca mais virão. E tudo isso forma, em sua plenitude, a alma do sertão, que Costa Matos tão bem aproveitou como matéria-prima de seu belo romance.